



GUSTAVO H.B. FRANCO

Atlânticos e Pacíficos

Mario Vargas Llosa descreveu certa vez a América Latina como uma terra "propícia ao surrealismo, à beleza inebriante da fantasia e da intuição, e à desconfiança para com o racional". Uma das inúmeras implicações econômicas desse encantamento, ou maldição, é o fascínio exercido pela feitiçaria econômica na região.

A tabela ao lado mostra o continente dividido em dois grupos, Atlânticos e Pacíficos, cada qual com sua fé e seu modelo. Venezuela, Argentina, Equador e Bolívia formam o grupo bolivariano, enquanto a república neoliberal pró-globalização é formada por Chile, Peru e Colômbia. A tabela também traz o Brasil, um indeciso, e um grupo de emergentes asiáticos com semelhanças econômicas com os latinos, uma espécie de grupo de controle, formado por Coreia do Sul, Malásia e Tailândia.

A tabela exibe diversos indicadores econômicos na forma de médias ponderadas onde os pesos correspondem ao PIB de cada país. Assim podemos olhar para cada grupo qual fosse uma única república. Porém, é muito importante ter em mente que os números da República Atlântica são feitas no Instituto de Geografia e Estatística de Macondo (IGEM), e por conta disso, o crescimento da federação bolivariana-peronista para 1994-2012 está desig-

REALISMO FANTÁSTICO

	ATLÂNTICOS	PACÍFICOS	BRASIL	ASIÁTICOS
PIB (Crescimento, %)	&*#	4,4%	3,2%	4,7%
INFLAÇÃO (Índice)	28,6%	2,2%	5,8%	1,9%
IDH (Ranking)	60º	71º	85º	39º
DÍVIDA (% do PIB)	48%	22%	67%	39%
DOING BUSINESS (ranking)	147º	42º	130º	11º
RISCO (Prêmio)	18,0%	1,2%	1,8%	1,0%
CORRUPÇÃO (Ranking)	127º	67º	69º	55º

FONTES: FMI, OIV, BANCO MUNDIAL, BLOOMBERG, TRANSPARÊNCIA INTERNACIONAL, INFLACIONVERDADERA.COM

nado por "&*#", a única forma algébrica de capturar o que ali se passa.

É simples: o cálculo do crescimento real utiliza os índices oficiais para a inflação sabidamente manipulados. Medições independentes para a inflação argentina mostram algo próximo a 20% (www.Inflacionverdadera.com) ao passo que os números oficiais mostram pouco mais de 10%. Segundo o IGEM, o crescimento médio real do PIB argentino para 2003-2012 foi de 7,2%, um colosso, maior que o da Coreia do Sul, mas menor que a trapaça no deflator. Puro realismo fantástico. O aspecto é o de um crescimento minúsculo ou mesmo nulo para esses

anos mais recentes, o que é consistente com os relatos de viajantes pela Grande Buenos Aires.

O crescimento médio anual da Federação Pacífica no período de 1994 a 2012 foi de respeitáveis 4,4%, sendo que o Chile avançou 4,7%, o mesmo número da Federação Asiática. O Brasil cresceu 3,2% no período, e perdendo o gás.

As outras variáveis de desempenho são a inflação para os últimos 12 meses e a colocação no ranking do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). É bastante claro que os atlânticos estão às voltas com um pesadelo inflacionário (falta papel higiênico na Venezue-

la, a inflação superou os 50% e o caos está próximo), mas sua colocação no IDH até que ainda não é tão ruim graças à Argentina que ocupa a posição 45 em 186 países, puxando a média do grupo para 60. São as glórias do passado que vão sendo erodidas com velocidade. O Chile já ultrapassou a Argentina em IDH (posição 40), mas a Colômbia puxa a média do grupo para 71. A República Pacífica vai muito bem no assunto "inflação", como os asiáticos.

As diferenças no desempenho econômico são notáveis, a que se devem? Como aferir o impacto nefasto de políticas heterodoxas e ideias econômicas obtusas?

É difícil encontrar uma única variável livre de maquiagem que capture, por exemplo, a indisciplina fiscal, marca registrada do governante populista. A inflação em si conta boa parte da história, talvez a pior parte, daí o interesse em ocultá-la. O mesmo se passa com déficits e dívidas, cujas estatísticas vão se tornando esfinges que o FMI faz o que pode para decifrar. A dívida pública (medida pelo FMI) é bem maior no Atlântico que no Pacífico mesmo tendo em vista que as possibilidades de endividamento são bem mais reduzidas nos países bolivarianos, basta olhar seus estratosféricos números para o risco soberano.

Os números para o "ambiente de negócios" na República Atlântica são terríveis. Trata-se aí da colocação no ranking de 185 países que compõem a pesquisa "Doing Business" do Banco Mundial para o ano de 2013, na qual o grupo estaria na posição 147. A Venezuela está na posição 180 (pior que Haiti e Afeganistão) enquanto que o Chile está na posição 37 e a Coreia na 7ª. O Brasil está na patética posição 130. Quando se trata de corrupção, segundo o ranking divulgado pela Transparência Internacional, a situação está péssima para os atlânticos (posição 127 em 176 países), ao passo que os pacíficos estão na posi-

ção 67 (o Chile em 20º).

É claro que a caracterização desses modelos de desenvolvimento poderia utilizar inúmeras outras variáveis (abertura, desigualdade, investimento, demografia, por exemplo), mas é difícil acreditar que a conclusão vá se modificar: os modelos econômicos "alternativos" praticados no Atlântico, bem como as ideias exóticas que os apoiam, são fraudes grotescas ocultas por trás de uma traiçoeira névoa estatístico-ideológica.

Ademais, deve-se notar que o crescimento na República Atlântica, o que quer que tenha sido, foi muito ajudado pela extraordinária bonança de termos de troca que os beneficiou no período. Não fora isso, seria muito pior, ou não, pois o populismo talvez não tivesse chegado ao poder, o que sugere uma dinâmica cruel: para todo choque favorável nos termos de troca, ou descoberta redentora, que possa levar o país para um patamar mais elevado de desenvolvimento, haverá um governante arrivista pronto a desperdiçar a oportunidade.

Os indicadores brasileiros servem para mostrar o quanto estamos hesitantes quanto a que grupo acompanhar. Quem disse que o muro é uma criatura tucana? Na verdade, no tocante a endividamento e ambiente de negócios, para não falar em diplomacia, o Brasil está mais para a República Peronista Bolivariana do que para a Federação Neoliberal Pacífica. Quem culpa o neoliberalismo pelos males do Brasil não reparou nos exemplos que temos seguindo, nem no que diz a presidente. Felizmente, ainda podemos nos aproximar dos pacíficos, e trabalhar para construir uma economia de mercado baseada no empreendedorismo e na liberdade de fazer negócios. Ou não. A decisão é nossa.